



## *O segredo do tolo da aldeia*

*M*ilek vivia com os pais e o irmão, Munio, numa pequena e tranquila aldeia da Polónia.

Num dia de primavera, a mãe entregou aos filhos uma panela com sopa, uma forma de pão e algumas roupas usadas, e pediu:

– Levem tudo isto a casa do Anton Suchinski.

– Eu não quero ir! – protestou Milek. – O Anton é uma pessoa muito estranha e até fala com os animais...

– Fala com os animais e com as plantas – acrescentou Munio, que era três anos mais velho do que Milek.

Contudo, a mãe não estava com disposição para aturar caprichos.

– Acredito que o Anton tenha uma maneira diferente de atuar, mas não deixa de ser um bom homem e precisa de comer. Digam-lhe que a sopa só leva legumes e venham logo para casa. Não quero que andem a vaguear pela aldeia.

Quando os irmãos chegaram a casa de Anton, encontram-no a cuidar do jardim. O homem sorriu e levantou-se quando os viu.

– Que alegria é ver-vos, meus amiguinhos!

Anton era pouco mais alto do que Munio. As suas roupas remendadas cheiravam a terra e os seus olhos eram tão vivos como os de um pássaro.

– A nossa mãe enviou-lhe alguma sopa e pão – disse Munio. – E também estas roupas, que já não servem ao nosso pai.

Milek não disse nada, pois já tinha ouvido muitas histórias estranhas sobre o homem. Histórias que diziam que Anton agradecia ao sol e à chuva por fazerem crescer as plantas, que nunca comia carne, e que punha pratos com água açucarada para alimentar as moscas, como se já não houvesse moscas suficientes. Chamavam-lhe “o tolo da aldeia”.

– A nossa mãe disse que a sopa só tem legumes – esclareceu Munio.

– A vossa mãe é muito amável e este pão cheira muito bem – elogiou Anton. – Por favor agradeçam-lhe da minha parte.

– Porque não come carne? – perguntou Milek.

Munio fitou o irmão, contrariado, mas Milek queria saber se as histórias sobre Anton eram verdadeiras.

Anton semicerrou os olhos enquanto sorria abertamente.

– Será que vocês gostariam de ser o jantar de alguém? Pois eu acho que os animais também não. O valor da vida é imenso e ninguém tem o direito de matar.

Milek ficou sem resposta.

– Creio que a vossa viagem de regresso será longa, mas gostaria que partilhassem comigo este festim – convidou Anton.

Milek bem gostaria de ficar, mas Munio declinou o convite.

– Muito obrigado, mas não podemos aceitar, pois a nossa mãe iria ficar preocupada.

Quando as crianças se estavam já a despedir, um vizinho que passava diante da casa de Anton pôs-se a olhar para elas. De imediato, Munio puxou Milek para junto de si, pois o pai tinha-lhes dito para se afastarem daquele homem.

– Tem cuidado com os amigos que escolhes, Suchinski! – grunhiu o homem.

– Esses rapazes são judeus. Se fosse a ti, afastava-me deles.

O sorriso desapareceu da face de Anton, que censurou:

– Não sabes do que estás a falar!

– És mesmo tonto, não és? – retorquiu o homem. – Pois bem, vais ter uma surpresa. A guerra está à porta e, quando chegarem os exércitos de Hitler, esses teus amigos judeus vão ter problemas. E os amigos deles também!

O homem riu, desdenhoso, e foi-se embora. Milek sentiu um nó no estômago.

– O que queria ele dizer com a guerra? Quem é esse Hitler? – perguntou.

Munio puxou-o pelo braço e disse em voz firme:

– Temos de ir para casa. Já!

– Eu acompanho-vos – disse Anton, visivelmente preocupado.

Após o saboroso jantar de sopa e pão, Anton pôs-se a pensar nos seus jovens amigos, enquanto contemplava o pôr-do-sol. Sabia-se que Adolf Hitler, o líder da Alemanha, queria conquistar toda a Europa, e que tanto ele como os seus soldados nazis odiavam os judeus. Caso conseguissem chegar àquela aldeia, o que aconteceria à família de Milek e Munio, e a todos os outros judeus? Quem os ajudaria?

Deveras preocupado, Anton foi deitar-se muito tarde naquela noite.





No verão, a guerra chegou à aldeia. Ouviam-se explosões ao longe e os aviões cruzavam os céus, lançando bombas por todo o lado. Colunas de soldados nazis invadiram o local com tanques e armas pesadas, e, pouco depois, começaram a prender os judeus.

Certa manhã, Milek acordou com o choro de alguém no quarto ao lado. Quando Munio e ele foram ver do que se tratava, encontraram a mãe a abraçar Eva, uma amiga da família. Sem parar de chorar, Eva dizia:

— A minha mãe obrigou-me a sair de casa para me esconder dos soldados. Quando regresssei, a minha família já tinha sido toda levada!



— A situação é muito má — murmurou o pai dos rapazes. — Os Nazis mandaram todos os judeus da aldeia reunirem-se na sinagoga, e há rumores de que os soldados vão levar os rapazes.

A mãe ficou profundamente desalentada, e Munio olhou para o pai sem acreditar no que ouvia.

– Não nos podem levar à força! – disse, furioso. – Não irei!

– Mãe! – soluçou Milek, correndo para ela. – Quero ficar aqui contigo!

De repente, ouviram alguém bater à porta das traseiras.

– Vamos fingir que não está ninguém em casa – sussurrou a mãe.

O pai, contudo, já tinha ido abrir a porta, e Anton entrara com um embrulho de roupa.

– Meus amigos, tenho um plano para vos salvar – anunciou o vizinho. – Mas é preciso que saiam de casa nesta mesma noite.

Quando viu Eva, acrescentou:

– Tu também tens de ir.

Ficaram todos a olhar para ele, estupefactos. Como poderia este homem, que toda a aldeia considerava tolo, salvá-los?

O pai abanou a cabeça.

– Agradecemos-te muito, Anton, mas não podemos aceitar a tua ajuda. Se os Nazis te descobrem, matam-te.

Anton sorriu.

– Não se esqueçam de que não passo do tolo da aldeia, e que consigo passar despercebido. Só preciso que confiem no plano que engendrei.

O pai hesitou durante alguns segundos, mas acabou por concordar:

– Está bem, Anton. Nem sabes como te agradecemos.

– Venham a minha casa hoje à noite. Os rapazes têm de ir disfarçados – disse o homem, entregando o embrulho de roupa à mãe.

Tratava-se de dois vestidos e de dois lenços de cabeça.

– Nem pensem que vou vestir isto! – protestou Milek. – São roupas de rapariga!

– Coragem, filho! – animou-o a mãe, enquanto Eva o ajudava a vestir-se.

– Não te esqueças de que esta roupa pode salvar-te a vida – murmurou a rapariga.

Munio percebeu o que ela queria dizer e pegou logo num dos vestidos.



Entretanto, ouviram-se tiros lá fora e o filho mais velho correu para a janela.

– Os soldados estão a obrigar as famílias judias a sair de suas casas – disse.

A mão da mãe tremia enquanto dava um nó no lenço que cobria o cabelo de Milek. Munio estava a tentar dar o seu próprio nó, mas Eva teve de lhe mostrar como se fazia.

– Vamos levar as nossas filhas à sinagoga – disse o pai. – As nossas três filhas – sublinhou, colocando a mão no ombro de Eva.

Quando chegaram à sinagoga, as outras famílias judias estavam já reunidas no exterior e os soldados estavam a queimar os rolos sagrados da Torá. Em seguida, incendiaram a sinagoga e dispararam para o ar, ameaçando matar quem se recusasse a ficar a ver o templo a arder.

A mãe abraçou ambos os filhos, e Milek, ao ver um homem que queria ir embora com a família ser espancado, teve vontade de gritar: “Porque é que nos odeiam tanto?”

Sem perder tempo, os Nazis separaram os rapazes das suas famílias e obrigaram-nos a alinhar-se. Milek e Munio ficaram junto de Eva. Será que os

vestidos iriam enganar os soldados? O coração de Milek batia tão fortemente que o rapaz temia ser descoberto. Fechou os olhos e sentiu que a mão de Munio agarrava a sua. Também ele tremia.

Os soldados levaram os rapazes, sem prestar atenção às súplicas e aos lamentos das famílias. Os habitantes perguntavam-se como podia uma coisa daquelas acontecer na sua própria aldeia.

– Mal anoiteça, vamos para casa do Anton – sussurrou o pai, determinado.

Nessa mesma noite, esgueiram-se pelas ruas, passando por edifícios destruídos e tropeçando nos escombros. Cada sombra lhes parecia um soldado e cada latido de cão os assustava. Ouviam-se gritos vindos das casas e pairava no ar um cheiro a pólvora. Milek deu a mão a Eva, que caminhava com determinação. Ele também queria demonstrar coragem, mas, quando olhou para trás, agarrou a mão dela com mais força.

O pai levou-os pelo trilho da floresta, que ia ter aos arredores da aldeia. Quando os sinos da igreja deram a meia-noite, a mãe abraçou Milek.

– Parabéns, meu filho! – murmurou.

O rapazinho acabava de fazer oito anos.



Quando chegaram a casa de Anton, este abriu a porta e conduziu-os rapidamente para o sótão. Uma rapariga um pouco mais velha do que Munio já lá se encontrava, encolhida a um canto.



— Esta é a Zipora — disse Anton.

Eva fez-lhe festas no cabelo e Milek ficou a olhar para aqueles olhos assustados com um nó na garganta. As famílias de Eva e de Zipora tinham sido ambas destruídas. Será que a família dele também o seria?

Como se lhe conseguisse ler os pensamentos, Anton disse:

— Vamos preparar um esconderijo para vocês. Um lugar onde nunca vos possam encontrar. Vamos fazer um quarto subterrâneo!

Noite após noite, enquanto os outros se escondiam no sótão, os dois homens iam para o jardim, onde Anton dispunha de uma arrecadação abaixo do nível do solo, e na qual guardava cebolas e batatas. A partir desta divisão, decidiram cavar um pequeno túnel em direção à casa, e, no fim do túnel, mesmo por debaixo da habitação, fizeram um quarto com espaço suficiente para seis pessoas.

Certa noite, tanto Munio como Milek mostraram vontade de ajudar nos trabalhos.

— É demasiado perigoso — objetou a mãe. — É melhor ficarem no sótão connosco.

Os dois homens trabalhavam em silêncio, sempre atentos às patrulhas de soldados, ou aos passos dos habitantes da aldeia desejosos de espiar para os Nazis.



Sem poder dispor de outros meios, escavavam a terra com colheres e chávenas. Quando a terra se amontoava, guardavam-na nos bolsos para a espalharem pela floresta, onde ninguém daria por ela.



Quando terminaram de fazer o quarto subterrâneo, abriram neste uma passagem vertical estreita que desembocava no quarto de Anton, e que os levaria à casa em caso de necessidade. Anton tapou a passagem com todo o cuidado, para que quem entrasse no seu quarto não fosse capaz de a ver.

– Não percebo por que razão chamam tolo ao Anton – disse Munio. – É bem inteligente e, ainda por cima, é muito corajoso.

Milek nada disse, arrependido da opinião que tivera outrora do vizinho.

Finalmente, o esconderijo ficou pronto. Anton deu-lhes algumas mantas e uma lâmpada de querosene.

– Vamos *todos* sobreviver a esta guerra! – prometeu.

Munio e Milek correram a ver a sua nova casa. Contudo, o seu entusiasmo depressa se desvaneceu. O esconderijo era um lugar bastante húmido, as paredes eram feitas de terra suja escorada por algumas tábuas de madeira, e cheirava a mofo.

– Cheira a minhocas! – queixou-se Milek, torcendo o nariz. – Não gosto deste lugar!

– Temos de viver aqui? – perguntou Munio.

Zipora não disse nada, mas a sua expressão era de desagrado. Quando os pais e Eva entraram a rastejar atrás deles, deixou de haver espaço para se mexerem. Apenas Milek era suficientemente baixo para se poder pôr de pé.

– Não consigo ficar aqui – disse Milek.

– Tens de conseguir, filho – disse o pai. – Temos todos de ficar aqui dentro.

– Mas nem sequer consigo respirar – queixou-se o rapaz.

O pai abraçou-o.

– Sei que é difícil para ti, Milek. Aliás, é difícil para todos nós. Mas não podemos sair, porque, se nos vissem, iriam denunciar-nos aos Nazis. Eles levar-nos-iam e puniriam o Anton por nos ter ajudado. Temos de ser corajosos e não deixar que nos descubram.

– Mas por que razão quereria alguém avisar os Nazis? – perguntou Milek. – Conhecemos toda a gente, e não vejo motivo para nos odiarem a esse ponto.

– Sabes, Milek, algumas pessoas... – começou o pai a dizer, mas logo se deteve. – Não sei porque nos odeiam tanto, filho. Sinceramente, não sei.

Anton escondeu a entrada do túnel com fardos de feno, para permitir a circulação do ar, e levava-lhes três baldes todas as noites: um com comida, outro com água, e outro para ser usado como sanita.

Não havia quase espaço para me moverem e, quando se deitavam para dormir, os pés de uns tocavam nos dos outros. O esconderijo foi também invadido por piolhos, e todos ficaram cheios de picadas, que lhes davam muita comichão.

**A**pós alguns dias, Munio perguntou:

– Podemos, pelo menos, brincar na arrecadação?

– Lamento muito, mas é demasiado perigoso – respondeu o pai. – Os Nazis estão, neste momento, a capturar judeus por todo o lado e temos de ficar aqui.

– Mas os dias são tão aborrecidos – queixou-se Milek. – Não há nada para fazer.

– Podemos brincar ao jogo do cordel – sugeriu Zipora.

A rapariga tirou a fita do cabelo, atou-lhe as pontas e mostrou-lhes como fazer várias formas com ela. Depois, puseram-se a inventar adivinhas e a brincar às rimas. E todos os dias citavam os nomes dos familiares de Eva e Zipora.

– Também podemos dizer o nome do Anton? – quis saber Milek. – Agora, ele é mais um membro da nossa família. Além do mais, está sozinho e pode até estar assustado.

– Tens razão – concordou a mãe, abraçando-o.

À noite, quase a sussurrar, o pai contava-lhes histórias de um mundo sem guerra, onde as pessoas, felizes, dançavam ao sol e comiam pãezinhos de mel. Enquanto ouvia o pai, Milek, munido de algumas hastes de feno, ia fazendo desenhos nas paredes de terra, para ilustrar o que ele dizia.

Lá fora, a guerra continuava, com o incessante zumbido dos aviões e o som ininterrupto dos estilhaços.

Enquanto as estações do ano se iam sucedendo, a família continuava escondida no quarto subterrâneo de Anton, onde a humidade e a falta de mobilidade permanentes lhes causavam dores e inchaços nas articulações.

Era cada vez mais difícil pensar na vida que outrora tinham levado, bem como recordar o rosto do seu benfeitor. A comida escasseava, e todos os dias Anton tinha de ir mais longe para a encontrar. Trazia-lhes beterraba crua, pão seco e, por vezes, água quente com pedaços de batata a boiar. A mãe chamava-lhe sopa, mas aquilo não era sopa...

Milek tinha muitas dores de barriga.

– Tenho fome, mãe – chorava.

– Eu sei, filho – dizia a mãe, compreensiva. – Estamos todos com fome. O Anton faz o que pode para nos arranjar comida suficiente e, por vezes, até fica sem jantar para que possamos comer mais.

O pai acrescentou:

– Os habitantes da aldeia vigiam-no dia e noite. Se o virem a transportar comida, não tardarão a denunciá-lo. O Anton enfrenta muitos perigos.

– Arrisca a vida todos os dias para que possamos sobreviver – lembrou a mãe.

– E nunca desiste – afirmou Eva, fazendo festas na cara de Milek.

Milek decidiu chorar em silêncio e não se queixar novamente.

**C**erta noite, ouviu-se uma voz forte vinda do lado de fora da casa.

– Suchinski! Sei bem que estás a esconder judeus!

Milek e Munio reconheceram a voz. Era o vizinho que tinha ameaçado Anton meses antes. O pai apagou rapidamente o candeeiro e deu-lhes pedaços de pano para enfiarem na boca, a fim de não fazerem barulho. Ninguém se atrevia a fazer o menor movimento.





– Os Nazis pagam bem pelos judeus – continuou o homem. – Quinhentos zlotis por um adulto e mil por uma criança. Se os entregares, podemos dividir o dinheiro.

– Não estou a esconder ninguém – negou Anton, veemente.

– Mentiroso! – vociferou o homem. – Aposto que estás a esconder os fedelhos que estavam no teu quintal naquele dia! Previno-te desde já que vou avisar os soldados, e que os cães não tardarão a farejar os teus queridos amigos. O dinheiro vai ser todo para mim!

Nessa mesma noite, Anton espalhou estrume misturado com ervas no chão da casa, e fez o mesmo nos degraus que davam para a arrecadação.

Quando amanheceu, o vizinho chegou acompanhado por vários soldados.

– Onde estão esses judeus? – gritou o capitão. – Diz-nos ou vais arrependerte! – ameaçou.

– Só vivo eu aqui – assegurou Anton.

– Fala! – ordenou o capitão, encostando a espingarda ao peito de Anton.

Anton pensou nas seis vidas valiosas à sua guarda e olhou o soldado nos olhos.

– Não há mais ninguém aqui.



– Estás a mentir! – acusou o vizinho.

– Iniciem as buscas! – determinou o capitão.

Os soldados revistaram a casa toda: esvaziaram os armários, tiraram os móveis do sítio e vasculharam o sótão. Em seguida, foram lá fora ver a arrecadação.

Milek fechou os olhos com força, convencido de que estavam prestes a ser capturados. Os cães bem se esforçaram por farejar, mas o estrume e as ervas que Anton tinha espalhado despistaram-nos. Além disso, o feno que tinha sido colocado diante da entrada do túnel escondia totalmente a passagem. Os soldados não encontraram nada.

– Havemos de te arrancar a verdade! – vociferou o capitão. – Custe o que custar!

Os soldados levaram Anton, que esteve ausente durante o resto do dia, e nos dias que se lhe seguiram.



– Mãe, onde está o Anton? – perguntava Milek. – Estará a salvo?

A mãe não sabia o que responder e o rapaz só chorava, inquieto com o que se estaria a passar com o amigo.

Cinco dias depois, um grupo de soldados montou acampamento no jardim de Anton e decidiram utilizar a arrecadação para dormir. Enquanto gracejavam e discutiam, podia ver-se a luz da sua lanterna através do feno. Milek sentiu o cheiro de algo, se calhar chocolate, e ficou com água na boca. Há quanto tempo não provava algo assim... A família também conseguia ouvir o som metálico das armas a serem limpas e recarregadas.



– Que maçada! – exclamou um soldado. – Caiu-me uma bala.

Um pequeno pedaço de metal caiu no túnel e rolou até junto dos pés de Munio, que ficou petrificado de medo.

– Onde terá ido ela parar? Tem de estar por aqui...

Ouviam-se os pés dos soldados a roçar no feno, enquanto procuravam.



O coração de Milek batia descompassado, pois podiam ser descobertos a qualquer momento e seriam todos presos. Mordeu o trapo que tinha na boca com força para não fazer qualquer ruído.

De repente, ouviu-se um grito lá fora e os soldados afastaram-se a correr. Ouviram-se mais gritos ao longe, mas Milek não conseguia perceber as palavras. Também se ouviram tiros. Todos se perguntaram onde estaria Anton, e se os soldados o tinham matado.

**P**ouco tempo depois, ouviram-se passos, sinal de que alguém tinha entrado na arrecadação. Os passos foram ficando cada vez mais próximos e o feno que escondia o túnel foi retirado. Quando uma luz brilhante ofuscou o esconderijo, Milek escondeu a cara no colo da mãe. Os Nazis tinham-nos encontrado!

Mas foi antes uma voz gentil e familiar que ouviram:

– Já podem sair, meus amigos! Os Nazis foram embora e vocês estão a salvo!

Munio tirou o pano da boca e exclamou:

– Anton! Que bom é ver-te!

Munio rastejou para fora do esconderijo, seguido por Milek e por todos os outros. Estavam tão fracos que Anton teve de os ajudar a sair.

Uma vez ao ar livre, começaram a piscar os olhos devido à luz forte daquele dia de verão. Sentiram o sol aquecer os seus rostos e respiraram o primeiro ar puro em muito tempo. Será que estavam finalmente livres?

Anton abraçou-os a todos.

Com lágrimas nos olhos, os pais disseram a Anton:

– Nunca poderemos agradecer-te o suficiente por tudo o que fizeste por nós!

– Pensámos que te tinham matado – disse Eva.

– Salvaste-nos! – exclamou Milek, com um olhar cheio de admiração.

Anton sorriu.

– Apenas fiz o que o coração me ditou, meus amigos. Nunca se esqueçam de que a vida tem um valor imenso! – disse Anton, pegando nas mãos de Milek e apertando-as suavemente entre as suas.



## O que aconteceu a seguir?

Em julho de 1944, os Nazis abandonaram a aldeia de Milek e Munio, Zborów, que hoje faz parte da Ucrânia. Os seis sobreviventes ficaram com Anton até ao fim da guerra, em 1945, para poderem recuperar do duro ano de clandestinidade.

Em dezembro de 1949, Milek e Munio emigraram para os Estados Unidos e mudaram os seus nomes: Milek adotou o nome Shelley e Munio o nome Michael. Os dois irmãos ainda hoje lá vivem com as respetivas famílias.

No início da guerra, Eva estava noiva de um homem que tinha ido para o Uruguai, na América do Sul, à procura de trabalho. Quando a guerra terminou, o noivo pediu ajuda à Cruz Vermelha e à comunidade judaica para a encontrar. Eva foi ter com ele ao Uruguai, onde casaram e tiveram dois filhos, Emmanuel e Baruch. Mais tarde, a família mudou-se para Israel.

Zipora Stock foi logo para Israel, onde se casou. Ainda lá vive hoje, rodeada dos filhos e dos netos.

A família Zeiger tentou convencer Anton a ir para os Estados Unidos com eles, mas ele recusou-se a partir, dizendo-lhes que “queria morrer onde tinha nascido”. Durante anos, a Sra. Zeiger enviou-lhe várias encomendas com comida enlatada e roupa. Como Anton não sabia ler nem escrever, ditava as cartas de agradecimento a um vizinho, tendo o cuidado de desenhar uma flor em cada missiva, para que os Zeiger soubessem que a carta era dele.

As cartas de Anton deixaram de chegar na década de 1960. Os Zeiger envidaram todos os esforços para o localizar, mas era muito difícil obter notícias de Zborów. A Cruz Vermelha procurou-o, mas não conseguiu localizá-lo. A casa estava vazia e ninguém sabia o que lhe tinha acontecido. Cheios de tristeza, os Zeiger pensaram que ele tinha morrido.

Em 1988, Shelley Zeiger conheceu um homem da região de Zborów que concordou em tentar procurar Anton uma última vez. A busca foi bem sucedida, e os Zeiger descobriram que Anton estava a viver sozinho e na mais profunda pobreza. Construíram-lhe uma casa nova e arranjam alguém para tomar conta dele enquanto vivesse.

No ano seguinte, Shelley, Michael e a mãe – o Sr. Zeiger tinha falecido em 1971 – viajaram até Zborów para visitar o homem que lhes tinha salvado a vida, um acontecimento que foi festejado também por cerca de mil habitantes da aldeia. O “tolo da aldeia” tinha-se tornado o herói da aldeia. Anton Suchinski foi reconhecido como Justo entre as Nações no Yad Vashem, o Memorial do Holocausto, em



Jerusalém, e o seu nome foi acrescentado à lista do Muro de Honra no Jardim dos Justos.

A medalha que Anton recebeu no Yad Vashem tinha gravado um ditado judaico: “Quem salva uma vida, salva o mundo inteiro.”



Rebecca Upjohn  
*El secreto del tonto del pueblo*  
Barcelona: Picarona, 2017  
(Tradução e adaptação)